

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA CRÍTICA  
SATÍRICA SOBRE A (FALTA DE) ABORDAGEM DE  
TEMAS POLÊMICOS**

Lisiane Schuster Gobatto<sup>1</sup> (UPF)

O presente trabalho parte do questionamento das formas de abordagem de temas polêmicos (ou a ausência delas) na literatura infantojuvenil na contemporaneidade. A pesquisa se dá através de uma análise do livro “Teco, o garoto que não fazia aniversário”, de autoria de Marcelo Mirisola e Furio Lonza, com ilustrações de André Berger e publicado pela editora Barcarolla em 2012. A análise se propõe a abordar a obra em três dimensões: o livro como obra literária, na perspectiva de Cândida Gancho (1993); o livro como obra infantojuvenil, sob a perspectiva de Maria do Rosário Mortatti Magnani (2001), Marly Amarilha (1997) e de Miguel Rettenmaier e Tânia Rösing (Org., 2005); e o livro como crítica e sátira, sob a perspectiva de Vladímir Propp (1992).

Feita com uma boa dose de sarcasmo, a obra traz a estrutura dos livros infantojuvenis, mas com um conteúdo comumente abordado entre o público adulto, especialmente porque a literatura infantojuvenil tende a não percorrer caminhos ambíguos e polêmicos. A trama conturbada e sem “moral da história” é uma narrativa pouco comum para a faixa etária a qual está classificada. A análise sob essas três perspectivas diferentes tem o objetivo de investigar o consumo da obra em questão como literatura infantojuvenil e a quebra da expectativa dos leitores com o livro polêmico que não traz final “moralizante” e não tem intuito didático, pelo contrário, traz uma crítica à sociedade e até a própria literatura infantojuvenil. A interface da obra com a sátira tem sua justificativa exatamente neste ponto: no final inesperado para um livro com uma estrutura e classificação infantojuvenil.

Para dar conta do objetivo deste trabalho, inicialmente foi realizada uma pesquisa exploratória do livro no intuito de estabelecer um contato inicial com o aporte

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

teórico. Posteriormente, foi desenvolvida uma análise descritiva relacionando a teoria com a análise do corpus. Os procedimentos metodológicos partiram de uma pesquisa bibliográfica e de uma abordagem qualitativa do corpus, já que se trata de uma análise de conteúdo.

A referida análise apontou que nem todos os alunos têm o mesmo discernimento para entender a obra como uma crítica sarcástica, cujo final não tem qualquer intenção de trazer uma lição de vida (como estavam acostumados até então). Desta forma, o papel do mediador de leitura é fundamental para a apresentação deste “novo modelo de literatura” para os jovens.

## **1. CONTEXTUALIZACAO DA OBRA**

De gostos estranhos e introspectivo, Teco não tinha amigos e seu relacionamento com os pais era, para não dizer inexistente, superficial. Os pais não estavam preocupados com a vontade e as necessidades do filho e organizavam uma festa de aniversário cheia de atrações da moda, ignorando o fato de Teco odiar festas com estes protocolos sociais.

Neste contexto, Teco encontra Cachacinha, um palhaço nada convencional que não gostava de crianças. A amizade foi instantânea. E Cachacinha se aproveita dela para sequestrar o garoto. Ele e o palhaço Alambique trancam Teco numa jaula, os apresentam aos vícios e ao Saguí Nico e seu companheiro, um boneco inflável do Máicol Jackson.

Teco, Nico e o boneco Máicol escapam dos palhaços e vão parar na cracolândia. Na rua, os três conhecem outros meninos viciados que vivem na degradação das drogas e da violência.

Quando Teco tem uma segunda oportunidade de mudar sua vida, com a adoção de um casal de mulheres homossexuais (Malu e Débora), na primeira oportunidade de fuga, ao reencontrar os palhaços em mais uma festa de aniversário armada para ele, o

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

garoto decide voltar para as ruas. Este é o final feliz para Teco: livre para viver fora de qualquer convenção social.

## **2. O LIVRO COMO OBRA DE LITERATURA**

Nesta seção, a finalidade é analisar a obra de acordo com os conceitos literários que tratam de personagem, tempo, espaço, ambiente, narrador e foco narrativo, conforme Cândida Gancho (1993) em seu trabalho.

De planos os personagens do livro não têm nada. São personagens redondos que dão o ritmo confuso da obra. Teco, o protagonista, é um garoto de uma família aspirante à classe média, esquisito e introspectivo, sem amigos, sem afeto e que se perde na drogadição pela falta de orientação. Cachacinha é um bêbado miserável, um sobrevivente de um sistema cruel que exclui quem não se encaixa nos padrões. Tão deplorável quanto Cachacinha, é seu companheiro Alambique. Aliás, Cachacinha e Alambique podem ser dois lados de uma mesma moeda: o livro não especifica, mas bem que poderiam ser a mesma pessoa. De um lado, um homem com um coração de manteiga e de outro alguém calejado pelos duros golpes da vida que tem de trapacear e se entorpecer de cachaça para sobreviver.

O Sagui Nico é uma figura marcada pela sexualidade e pelo alcoolismo. Sua válvula de escape é a masturbação e o boneco inflável Máicol Jackson carrega um forte simbolismo pelo cantor homônimo, associado muitas vezes a casos de pedofilia.

Malu e Débora, o casal homossexual que adota Teco e tira-o das ruas, é mais um casal que quer ser aceito pela sociedade. A adoção é quase que um experimento, uma oportunidade de mostrar que um casal gay também pode cuidar de filhos e de aplicar todas as teorias pedagógicas que as duas acreditam na tentativa de resgatar e “regenerar” Teco. Se atingissem esta finalidade, seriam aceitas e reconhecidas pela sociedade.

O espaço onde se passa a maior parte da narrativa é o subúrbio de São Paulo. Se o ambiente “é o espaço carregado de características socioeconômicas, morais,

# 15ª Jornada Nacional de Literatura

## *Leituras jovens do mundo*

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

De 27 a 31 de agosto de 2013  
UPF  
Passo Fundo (RS), Brasil.

psicológicas, em que vivem os personagens” (GANCHO, 1993, p. 23), pode dizer que no livro o ambiente é o submundo do crime, das drogas e da violência, é a degradação.

Num primeiro olhar, a estrutura do texto semelhante a dos diários faz pensar que o tempo desta narrativa é de ordem cronológica. Ledo engano. Há uma confusão da noção de tempo, provocada pelo protagonista Teco, característica de um tempo psicológico. Ele acaba perdendo tanto esta noção que leva os leitores a entrarem também nesta confusão. Apesar de contemporânea, não se sabe a duração precisa desta história.

Considerando os conceitos de Gancho (1993), pode-se dizer que o livro traz um narrador em terceira pessoa onisciente, pois sabe tudo sobre a história, e onipresente, porque está em todos os lugares da história. E este narrador tem uma tendência a ser parcial, já que dá destaque a Teco em detrimento aos outros personagens.

### 3. O LIVRO COMO OBRA INFANTOJUVENIL

Apesar da classificação “infantojuvenil”, o livro tem um conteúdo sarcástico e provocador para ser compreendido desta maneira pela faixa etária correspondente. É necessário dizer que a trajetória do autor contribuiu para a classificação de “Teco, o garoto que não fazia aniversário”. Em comparação com textos para adultos, a acidez está mais branda na referida obra e o formato ajudou a criar esta atmosfera de literatura infantojuvenil. Mas, como podemos definir o que é literatura infantojuvenil?

Tratar da produção literária juvenil exige um estudo de sua abrangência, exige definir o significado de “ser jovem” nos diversos estratos sociais e considerar as situações discursivas de escrita literária. (LEAHY-DIOS in Rösing e Rettenmaier, 2005, p. 3.)

Desde os primórdios, os fins pedagógicos foram intencionalmente reproduzidos pela literatura infantojuvenil ou pelo uso que as escolas dão a esta literatura. Neste sentido, Paiva et al (2007, p. 77), alerta para o fato de que “mesmo as

# 15ª Jornada Nacional de Literatura

## *Leituras jovens do mundo*

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

De 27 a 31 de agosto de 2013  
UPF  
Passo Fundo (RS), Brasil.

histórias de qualidade estética reconhecidas pela crítica, ao serem apropriadas pela escola, acabam sendo vítimas, muitas vezes, de uma inadequada escolarização”.

Sempre dominaram a literatura infantil e infantojuvenil as histórias de contos de fadas por trazerem “morais” que servem de conduta sobre como as crianças e jovens devem se comportar em situações distintas. Conforme Amarilha (1997), a narrativa tem justamente este poder de possibilitar que a criança antecipe determinadas situações que poderá vir a vivenciar no futuro.

E quando se opta por utilizar a literatura como mera ferramenta pedagógica, pode-se estar menosprezando a capacidade imagética das obras.

(...) a trivialização da literatura infanto-juvenil busca eliminar as contradições e poupar o leitor do contato com um real problematizado, ou seja, com o real enquanto “um movimento temporal de constituição dos seres e suas “significações”, um processo que “depende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza. (MAGNANI, 2001, p. 83.)

O livro analisado contraria o intuito da literatura pedagógica, a qual se espera que seja formadora, que melhore as pessoas, levando a um círculo vicioso, em que o protagonista ao invés de se transformar, de retomar a ordem, volta ao vício.

#### **4. O LIVRO COMO CRÍTICA SOCIAL**

Eis aqui o mais interessante tema transversal do livro: a crítica disfarçada em forma de sátira, ironia ou paródia à literatura infantojuvenil tradicional. O livro coloca o dedo na ferida, seja na ferida da sociedade, da família ou da própria literatura infantojuvenil.

É possível dizer que os autores Mirisola e Lonza foram irônicos em muitos aspectos, levando em conta que na ironia “expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário”. (PROPP, 1992, p. 125.)

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Ora, um livro infantojuvenil que traz a figura de um palhaço totalmente do avesso, que trata de masturbação, homossexualidade e drogadição de uma maneira transgressiva, não é um livro que as crianças estão acostumadas a ler. Elas esperam um final feliz dentro daquilo que consideram ser a felicidade, ou seja, na ordem dos padrões estabelecidos pela sociedade e dentro daquilo que os pais, a família e a escola tentam repassar como orientações do que é ser um bom cidadão. Aceitar e entender um final estranho, contrário a estes padrões e que, mesmo assim, faz o protagonista feliz, exige um nível de reflexão crítica que talvez as crianças ainda não tenham maturidade suficiente para ter atingido. Até porque, o final estranho em questão é a opção pela continuidade na degradação pelo vício, o que pode ser encarado como apologia às drogas.

O livro quebra paradigmas, quebra conceitos que permeiam o universo infantil. Mesmo assim, seria a finalidade pedagógica o principal fator decisório para indicação de uma leitura na escola? Se vista como um objeto de arte, a literatura está muito acima deste conceito. Segundo Paiva e Soares (2008, p. 51) “reivindicar para a literatura infantil uma dimensão de arte, isto é, um estatuto literário, não nos parece uma tarefa impossível, visto que os territórios da arte se alargaram e já contemplam manifestações artísticas emergentes”.

A sátira dos livros infantojuvenis é também percebida nas ilustrações de André Berger. Traços em preto e branco de figuras conturbadas, desgrenhadas, nada lembram ao colorido e aos traços delicados dos livros infantis.

O livro pode até ser visto como uma paródia dos contos de fadas ou do que tem sido feito pela literatura infantojuvenil até então, levando em consideração que “a paródia consiste na imitação das características exteriores de um fenômeno qualquer de vida (das maneiras de uma pessoa, dos procedimentos artísticos etc.), de modo a ocultar ou negar o sentido interior daquilo que é submetido à parodização“. (PROPP, 1992, p. 84.)

Sem moral da história, o que dizer às crianças e jovens sobre a leitura? Ao utilizar os elementos das narrativas da literatura infantojuvenil combinados a um

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

conteúdo pouco comum, não poderíamos pensar que Mirisola e Lonza produziram, na verdade, uma sátira das obras para esta faixa etária? Neste sentido:

A sátira age sobre a vontade daqueles que permanecem indiferentes diante desses vícios, ou que fingem não vê-los, ou que são condescendentes, ou mesmo que não sabem realmente nada sobre eles. Ela levanta e mobiliza a vontade de lutar, cria ou reforça a reação de condenação, de inadmissibilidade, de não compactuação com os fenômenos representados e, por isso mesmo, contribui para intensificar a luta para removê-los e erradicá-los. (PROPP, 1992, p. 211.)

Seguindo estas considerações, a postura do autor, de certa maneira, também remete a uma sátira, como se ele não concordasse com o modo como a literatura infantojuvenil é tratada.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise realizada, sob três perspectivas diferentes (o livro como obra literária, como obra infantojuvenil e como crítica) identificou-se que o consumo da obra em questão como literatura infantojuvenil acaba causando uma quebra da expectativa dos jovens leitores, já que o livro não traz final “moralizante” e não tem intuito didático, pelo contrário, traz uma crítica à sociedade e até à própria literatura infantojuvenil. Parece ser o modo como a história é contada o que mais interessou ao autor.

A sátira presente no livro pode apontar para uma necessidade de renovação da literatura tradicional, pois, como aponta Propp (1992) a paródia se torna cômica à medida que revela a fragilidade interior do que é parodiado.

O livro traz um jeito irreverente de tratar de temas polêmicos que ainda representam tabus na escola ou na família. Desde que os mediadores de leitura tenham conhecimento do conteúdo das obras e saibam trabalhar com a leitura de forma orientada, incentivando a reflexão, o livro de Mirisola se torna uma interessante e importante experiência literária.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Nem todos os alunos têm o mesmo discernimento para entender a obra como uma crítica sarcástica, cujo final não tem qualquer intenção de trazer uma lição de vida (como estavam acostumados até então). Talvez a obra exija muito mais preparo destes mediadores de leitura para a contextualização da trama. Mas, será que mesmo assim não merece ser abordada nos bancos escolares por meio de uma leitura orientada? Sob esta perspectiva, Paiva e Soares (2008) comentam que a literatura infantil se fecha em si mesma se não abordar os questionamentos da existência humana.

A obra de Mirisola e Lonza não pretende apontar caminhos ou se colocar como alternativa de literatura diferenciada. Cabe aos mediadores de leitura tirar cada um o seu proveito da obra, que pode ser a chance de introduzir “um novo tipo de literatura” ao mundo dos jovens, provocando diferentes reflexões a partir da leitura orientada.

### **Referências**

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica.** Petrópolis: Vozes, 1997.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola: Sobre a formação do gosto.** 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Org.). **Literatura Infantil: políticas e concepções.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; VERSIANI, Zélia (Org.). **Literatura: saberes em movimento.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

PROPP, Vladímir. **Comichidade e riso.** São Paulo: Editora Ática, 1992.

RETTENMAIER, Miguel; ROSING, Tânia M. K. (Org.). **Questões de Literatura para Jovens.** Passo Fundo, RS: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.

---

<sup>i</sup> (Mestranda em Letras, Universidade de Passo Fundo, Brasil)  
E-mail: lisischuster@hotmail.com